

## **Costurando seu Destino: A Emancipação da Mulher através do Trabalho na confecção na cidade de Santa Cruz do Capibaribe- PE**

Manuela de Farias Feitosa  
Graduada em História pela UEPB.  
E-Mail: manuela\_farias@hotmail.com  
Jussara Natália Moreira Bévens (UEPB)

Este texto tem como objetivo analisar as dimensões do papel da mulher santa-cruzense como eixo central em meio à atividade confeccionista, além de discutir as diversas abordagens social e cultural sobre gênero, num contexto de grande desenvolvimento econômico.

Como o mencionado anteriormente, é realizada uma análise do trabalho feminino na atividade confeccionista na cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE.

Fazendo uma breve descrição sobre o município de Santa Cruz do Capibaribe, este encontra-se localizado distante 180 km<sup>2</sup> do Recife (56 km<sup>2</sup> de Caruaru-PE e 85 km<sup>2</sup> de Campina Grande –PB). Tem sua área total de 430 km<sup>2</sup>. Encontra-se na área norte do agreste setentrional do Estado de Pernambuco, o clima é típico do semi-árido e a temperatura média é de 26 °C. Conta com uma população estimada de 74.359,00 habitantes, segundo dados do IBGE no ano de 2006. Sendo que desses um fato chama a atenção com relação aos dados populacionais do referido município, é o rápido crescimento do número de habitantes daquela região que em 1953, década de sua emancipação política, contava com uma população de cerca de 3.250 habitantes <sup>1</sup> e hoje, pouco mais de 50 anos depois, podemos ver o quanto e tão rapidamente o município elevou o seu número populacional. Este fato se deve à atração que o desenvolvimento do comércio e da indústria, ocorrido na cidade, exerce sobre migrações advindas de outras regiões do país e da zona rural da cidade. Um outro fator a ser levado em consideração é o crescimento populacional ocasionado pela rápida urbanização sofrida pelo município que hoje conta com cerca de 97% da população vivendo em área urbana.

---

<sup>1</sup> A etimologia da palavra sulanca é na verdade incerta. Alguns registros indicam que vem de “helanca vinda do sul” (helanca por sua vez, é um tipo de tecido sintético). Existe, também, outra versão suficientemente lógica para a origem da palavra sulanca. Algumas pessoas que ajudaram a criar desde o princípio a atividade confeccionista local relatam um fato que teria originado o termo sulanca. Dizem que um comprador de roupas (ninguém sabe quem foi), enquanto olhava as peças que iria comprar, ficou procurando um termo para classificar aqueles produtos e associou à sucata. Como sucata é um termo utilizado normalmente para metais, ele criou espontaneamente uma derivação: sulanca, que seria uma espécie de sucata de tecido. (Pereira, 2004, p.46)

A Sulanca, desde o princípio, teve a participação da mulher na sua produção, configurando-se em uma atividade realizada nos bastidores, pela empresa familiar. Tal fato torna, assim, evidente a sua contribuição, tanto na produção, quanto nos ensinamentos que passavam aos seus descendentes. Estes aprender com ela a trabalhar e a sobreviver, de maneira criativa, numa cidade escassa de chuvas na maior parte do ano.

Inicialmente a sulanca era confeccionada a partir do aproveitamento das sobras de tecidos das fábricas têxteis do Recife, tal produção era realizada de forma quase que totalmente artesanal pelas mulheres, como meio de adquirir um complemento para a renda familiar somando-se a da agricultura; já que essas terras localizadas no agreste setentrional não são favoráveis à agricultura, era necessário buscar novas fontes de sobrevivência. Tal produção da mesma teve início de forma artesanal, por volta da década de 50. A produção é artesanal, onde a costureira desenvolvia seu trabalho da seguinte forma: com uma mão segurava o tecido que era costurado, e com a outra mão rodava uma espécie de manivela, que fazia com que a máquina funcionasse, essas máquinas eram denominadas de “máquina de costura de mão”. Essas máquinas foram substituídas por as chamadas “pé duro”. Na década de 70, que as máquinas industriais vão substituindo as “pé-duro”. Com o surgimento dessas máquinas na cidade, observou-se um gradativo aumento na produção de roupas. Este inicial investimento foi à semente dos grandes fabricos espalhados por toda a cidade, e das atuais indústrias de renome nacional, localizadas na cidade, com estruturas de grandes indústrias.

O desenvolvimento tecnológico aliado ao trabalho das mulheres santa-cruzeense trazem na atualidade destaque para o município, que faz parte do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano, tal desenvolvimento é fonte de estudos que comprovam o crescimento econômico, o qual supera a média nacional, PIB como podemos constatar, foi bem maior que o do estado e do país. “... o *Produto Interno Bruto real do Brasil cresceu 31%entre 1991 e 2000. Os valores correspondentes são, para o Nordeste, de 34,9%;para Pernambuco, de 30,1%;para Caruaru, de 35,2%;para Santa Cruz do Capibaribe, de 60,4%;para Toritama, de 41,9%...*”. (SEBRAE, 2003). De acordo com o estudo “Inventário do Potencial Turístico de Pernambuco”.

Essas constatações de sucesso a partir do trabalho feminino, e as novas abordagens tais como, os estudos das representações e realidades históricas sobre a mulher, têm alcançado diferentes domínios, nos últimos anos. Tais perspectivas abandonam os vultos históricos, as heroínas, e dão atenção aos grupos de mulheres e às suas relações sociais.

Para analisar o conceito de gênero faremos uma retrospectiva das transformações às quais esse conceito vem sofrendo ao longo das últimas décadas do século XX.

O discurso do feminismo trata a história existente como uma história de subordinação das mulheres pelos homens a eles mesmos, esta idéia é defendida por feministas e teóricos psicanalistas feministas.

Na sociedade romana prevaleceu a idéia de uma suposta inferioridade natural das mulheres, sendo estas em sua grande maioria excluídas das funções públicas, políticas e administrativas, elas tinham sua autonomia pessoal limitada aos interesses familiares. Enquanto que nas histórias das mulheres no Ocidente Medieval, por volta dos séculos V e XV, são encontrados registros de caráter religiosos, os quais associam a imagem feminina ao pecado, sendo esta um instrumento demoníaco, já que sexualidade é associada ao demônio, ao pecado. Têm-se aí conceitos sobre a imagem da mulher que vão passando ao longo dos séculos, através dos discursos religiosos, onde a mulher desde sua infância era preparada para ser mãe, esposa e dona de casa, que dedica todo o seu tempo para as atividades domésticas e os cuidados para com sua família, ou a mulher casta, virtuosa que personifica a imagem da salvação.

Sendo interpretadas pelos homens como ‘perigosas’, essa forma de definição é encontrada desde a Idade Média, onde se propagou esse estereótipo das mulheres através dos contos e obras, as quais eram escritas por homens.

Na historiografia literária produzida percebemos expressões masculinas nessas produções como descreve Macedo (2002), os traços de idealização, eram muito mais acentuados quando se tratava de apresentar o retrato moral da mulher, sendo encontrado com facilidade nestes textos literários, estes propunham modelos de conduta e condenação as mesmas, isso na perspectiva dos autores. Essa literatura medieval produzida pelos homens constitui em exposição de estereótipos elaborados por clérigos e artistas, obscurecendo a realidade, a produção seguia dois critérios o moral e o religioso.

Ao longo dos séculos esses discursos vão sendo modificados, e durante o século XIX o movimento feminista adquire forças junto ao movimento operário em meio ao contexto da Revolução Industrial, as discussões sobre a mulher foram mudando para a busca da liberdade e da igualdade entre homens e mulheres, isso ainda no campo filosófico.

Já no século XX, as mulheres passam a ser pensadas pelas Ciências Sociais e Humanas. Em meio às duas grandes guerras, um elevado número de homens estava envolvidos, fazendo com que as mulheres ocupassem os postos de trabalho, que se

encontravam vagos, mas, ao término desses conflitos esses homens retornaram e consequentemente iam em busca de seus antigos espaços de trabalho, levando as mulheres a uma nova busca por seu espaço na sociedade do trabalho.

Durante os anos 60, discute-se a opressão e submissão feminina, tais aspectos são apresentados pelos movimentos feministas, utilizando o conceito de patriarcado, com isso eram expostas denúncias da dominação masculina, e a análise das relações homens-mulheres, neste período as feministas são denominadas de radicais.

Já nos anos 80, produções advindas da década de sessenta foram revistas, como é o caso da americana Betty Friedan, que defende o equilíbrio entre homens e mulheres. Mesmo sendo feminista lançou o livro “O segundo estágio” no qual defendia a cooperação entre homens e mulheres no trabalho. (SINA, 2005, p.57).

Algumas sulanqueiras em seus relatos também enfocam a cooperação de seus esposos, para que as mesmas pudessem administrar seus fabricos, ocorrendo muitas vezes uma troca de papel entre os mesmos. Novos estudos feitos por sociólogos e historiadores sobre a estrutura familiar no Brasil, fica evidente que aquele modelo de família patriarcal refere-se a uma pequena parcela da população brasileira. Esses estudos revelaram novas formas de estrutura familiar vigentes no país; esses novos olhares foram possíveis a partir dos últimos quinze anos na historiografia, quando a história das mulheres foi incluída nas discussões das academias brasileiras, oficialmente.

Em comum, as mulheres entrevistadas têm a superação na conciliação do trabalho como sulanqueiras e suas tarefas de mães de família. Um outro aspecto apontado pelas mesmas, como de fundamental importância foi à integração do espaço de trabalho junto à residência. É característica peculiar do município as confecções de fundo de quintal, também chamadas de fabricos. Essa separação da vida privada e o local de trabalho é quase nula; nas residências, é comum encontrarmos junto às salas e cozinhas o fabrico que contém algumas máquinas de costurar. A mesa de cortar peças muitas vezes é a própria mesa das refeições; no sofá da casa ficam as mercadorias, que terão os acabamentos finais, ficando prontas para a comercialização na feira da sulanca.

Percebendo e realizando uma integração com os atuais estudos sobre gênero e trabalho feminino, foi realizado uma pesquisa, esta culminou na concretização deste presente trabalho.

A pesquisa foi realizada no período 2006/2007, constando de visitas a sulanqueiras e empresários do município envolvidos com a sulanca, bem como esta foi desenvolvida uma pesquisa documental e levantamento de literatura específica na Biblioteca Municipal e nas

bibliotecas da UEPB, UFCG em Campina Grande-PB e da FAFICA em Caruaru-PE, consultas em jornais e publicações desenvolvidas pelo SEBRAE e SENAI-PE. Bem como, pesquisa em acervos pessoais. Para um aprofundamento e enriquecimento da mesma algumas instituições como COOPETEX - Cooperativa dos Produtores Têxteis do Agreste, ASCAP - Associação dos Confeccionistas de Santa Cruz do Capibaribe, Secretaria de Indústria e Comércio e o Departamento de Tributação da Prefeitura Municipal de Santa Cruz do Capibaribe, foram visitadas em busca de informações a respeito dessa temática.

Fazendo uso da História Oral foram registrados os relatos de vida e de trabalho das mulheres e homens envolvidos de forma direta e indireta com a sulanca, para tanto foi necessário nos fazermos de ouvinte e de expectadores dos fatos cotidianos dos mesmos, sendo esses fatos de importância ímpar para nosso estudo.

A pesquisa além dos momentos fascinantes que encantam o pesquisador, também são encontrados instantes de limitações para o desenvolvimento da mesma. O período em que fora realizada a pesquisa de campo junto com as entrevistadas foi um momento muito delicado, pois tais entrevistas foram realizadas em uma ocasião, que a população encontrava-se empovoroza com a inauguração do Moda Center Santa Cruz<sup>2</sup>, os meses que antecederam esta inauguração foram de muita expectativa e conflitos na cidade. Como toda mudança vem acompanhada de dúvidas, medos e incertezas, o deslocamento da feira não foi diferente.

O pesquisador deve ter consciência de que o objeto estudado foi selecionado para tal posição; diante disso quantos outros objetos foram escanteados por não suprirem os interesses do pesquisador. Mas tal seleção dos fatos a serem registrados também ocorre com o entrevistado, pois ele resgata suas lembranças, mas ao fazer esta volta ao passado ele vai selecionar aquilo que irá relatar, sem falar no processo anterior, que ocorreu quando ele viveu o momento resgatado, em que na memória ele armazenou aquilo que lhe interessava, e a sua construção das lembranças e ao narrar no tempo de agora, o presente, ele vai reconstruir o que já tinha construído há algum tempo. Conforme Neves:

---

<sup>2</sup> A feira da Sulanca, a qual ocorria nas ruas centrais da cidade desde seu início até outubro de 2006, passou a ser realizada no Moda Center Santa Cruz, espaço padronizado localizado em uma área coberta, contando com uma área de 82 mil m<sup>2</sup>.

O ato de relembrar insere-se nas possibilidades múltiplas de elaboração das representações e de reafirmação das identidades construídas na dinâmica da história. Portanto, a memória passa a se constituir como fundamento da identidade, referindo-se aos comportamentos e mentalidades coletivas, uma vez que o relembrar individual-especialmente aquele orientado por uma perspectiva histórica relaciona-se à inserção social e histórica de cada depoente. (NEVES, 2000, p.109)

Temos aí a afirmação de que ao estarmos envolvidos em um processo de investigação, é preciso estar aberto para olhar e ouvir o outro, para que sejam evitados determinismos e conceitos formados. Devemos estar abertos às informações que o entrevistado nos expõe, muitas vezes nos surpreende, pois, durante as entrevistas foi levantada uma questão, no começo da sulanca os homens buscavam outros meios de sobrevivência, que não fosse a dependência da agricultura, então os homens migravam para o sudeste do país deixando para trás suas esposas e famílias, elas viram na sulanca uma forma de garantir o sustento da família, com o passar do tempo eles retornavam para a cidade e para suas famílias, sendo assim, essas mulheres santa-cruzeses desenvolveram a sulanca, e com isso, fez surgir um comércio o qual, faz de Santa Cruz do Capibaribe um diferencial na região.

Então, a economia santa-cruzeira surgiu a partir da iniciativa das mulheres, que costuravam pequenos pedaços de retalhos, confeccionando cobertas. É a mulher quem compra o tecido para confeccionar, é quem confecciona, organiza e administra a confecção, é quem vende na feira livre, a feira da sulanca. Essa mulher provedora exerce vários papéis. De início, tem-se ela como chefe de família, como também é uma educadora, pois passa para os seus filhos a cultura da sulanca. Sendo assim, ela consegue passar de geração para geração o seu ofício de sulanqueira, bem como exercer as atividades de costureira, administradora de sua confecção, comerciante e vendedora de suas mercadorias.

O que é possível encontrar em nossa cultura ocidental, é uma cultura onde o homem é o chefe de família e o encabeçador das decisões, essas características de patriarcado, onde o homem é a figura central da casa, cabendo aos demais obedecer ao poder imposto pelo mesmo sobre o restante da família. Aqui a mulher passa a exercer esse papel, até então masculino; é ela quem trabalha para sustentar a família, quem tem em suas mãos o poder de decisão.

Caminhando para as considerações finais, verificou-se uma troca de papéis, com isso pode-se constatar na prática as novas perspectivas das relações de gênero, onde é destacado

um equilíbrio entre os dois sexos. Já que foi constatada a existência de um elevado número de homens a desenvolver as tarefas consideradas como “trabalho feminino” na cidade, tais como todo o processo da costura e acabamento das mesmas, esta constatação abre a oportunidade para uma futura pesquisa enfocada nessa troca de papéis.

Este estudo vem contribuir para uma desmistificação da imagem da mulher, muitas vezes vista como sexo frágil, pois vimos que a mulher mesmo diante de situações problemáticas, diante de discriminações, sai em busca de uma melhor qualidade de vida para elas e sua família, pois foi através da determinação dessas mulheres que Santa Cruz se desenvolveu economicamente e hoje é a Capital da Sulanca.

## BIBLIOGRAFIA

ARAÚJO, Júlio Ferreira de. *História de Santa Cruz do Capibaribe*. IN\_A Sulanca. 2003. P-35-37.

BOSI, Ecléa. *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. In: *A substância Social da Memória*. -São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade. A era da informação: Economia, sociedade e cultura*. In: *As mulheres no mercado de trabalho*. Tradução Klaus Brandini Gerhardt. 3º edição, v-2. Ed. Paz e Terra. 2002.

COHEN, Yolande. História oral: uma metodologia, um modo de pensar, um modo de transformar as ciências sociais? In: DINIZ, Eli (org). *Ciências Sociais Hoje*. Ed. Hucitec. São Paulo, 1993.

D’INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: PRIORE, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. 2 ed-São Paulo:Contexto,1997.

FALCI, Miridan Knox. *Mulheres do sertão nordestino*. In: PRIORE, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. 2 ed-São Paulo:Contexto,1997.

FAUSTINA, Joseane et all. *A participação da mulher no desenvolvimento econômico de Santa Cruz do Capibaribe*. Caruaru-PE (Projeto apresentado ao Curso de Jornalismo na FAVIP,2005).

FEITOSA, André Lopes. *Sulanca: a atividade da confecção na cidade de Santa Cruz do Capibaribe-PE*. –Campina Grande: UEPB, 2005. (Monografia para obtenção do grau de Licenciatura em Geografia)

FERREIRA, Marieta de Moraes e Janaina Amado. *Usos e abusos da história oral*. 3 ed. \_Rio de Janeiro:Editora FGV,2000.

FIGUEIREDO, Giane Lourdes Alves de Sousa. *Conceito de Gênero: Ideologia Patriarcal*. 2003(Monografia)

FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: PRIORE, Mary Del (org). *História das mulheres no Brasil*. 2 ed-São Paulo:Contexto,1997.

GRINT, Keith. Sociologia do Trabalho. In-*O que é o trabalho?*Instituto Piaget, 1998.p 17-64.

INVENTÁRIO DO POTENCIAL TURÍSTICO DE PERNAMBUCO. Dezembro de 1998.

LISBOA, Lindolfo Pereira de. Raimundo Aragão sua vida, suas obras. In - *Síntese histórica e geográfica de Santa Cruz do Capibaribe*. Edições Mirian Regina. P 221-224.

LOBO, Elizabeth Souza. *A Classe operária tem dois sexos: Trabalho, dominação e resistência*. Ed.brasiliense

MACEDO. José Rivair. *A mulher na Idade Média*. 5º edição-revista e ampliada. São Paulo: Contexto, 2002. -(Repensando a História)

NEVES, Lucilia de Almeida. *Memória, história e sujeito: substratos da identidade*. História Oral: Revista da Associação Brasileira de História Oral. Nº 3, jun.2000-São Paulo: Associação Brasileira de História Oral. v 3.

PEREIRA, Bruno Bezerra de Souza. *Caminhos do desenvolvimento: uma história de sucesso e empreendedorismo em Santa Cruz do Capibaribe*. In - A importância da mulher e da base familiar na cultura empreendedora. -São Paulo: EI – Edições Inteligentes, 2004. (p-79 a 84)

PERROT, Michelle. *Mulheres públicas*. -São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PRIORE. Mary Del. *História das mulheres: as vozes do silêncio*. In: FREITAS, Marcos Cezar. *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 1998.



RAGO, Margareth. *Trabalho feminino e sexualidade*. In: PRIORE, Mary Del (org). História das mulheres no Brasil. 2 ed-São Paulo:Contexto,1997.

SEBRAE, Estudo de Caracterização Econômica do Pólo de Confecções do Agreste Pernambucano. Recife, 2003. FADE-UFPE.

SECRETARIA DE INDÚSTRIA, COMERCIA E TURISMO. Dados estatísticos da feira da sulanca.

SERAFIM, Cássio Eduardo Rodrigues e Silva, Marluce Pereira da. *Estudos de gênero e identidades em transito*. In: SILVA, Antonio de Pádua da (org) *Representações de gênero e de sexualidades: inventários diversificados*. João Pessoa: Editora Universitária, 2006.p.102 a 108.

SINA, Amália. *Mulher e Trabalho: O desafio de conciliar diferentes papéis na sociedade*. São Paulo: Saraiva 2005.

SILVA, Francisca aparecida Firmino da. *As perspectivas de gênero das mulheres camponesas afro descendentes no município de PICUÍ-PB.2005(Monografia)*

SILVA, Ana Paula Geruza. *Do couro ao jeans: evolução da economia informal do fabrico de roupas jeans em Toritama - PE*. Campina Grande-PB. 1994.

SOIBET, Rachel. *Mulheres pobres e violência no Brasil urbano*. In: PRIORE, Mary Del (org). História das mulheres no Brasil. 2 ed-São Paulo:Contexto,1997.

STREY, Marlene Neves. *Trabalho de mulher: escolha ou determinação?*In: CARDOSO, Reolina S. (org). *É uma mulher...* .Petrópolis, RJ: Vozes, 1994, pág 101 a 121.

SOUZA, Avanzia, Israel Carvalho e Lúcia Oliveira. *Sulanca*, “um pólo de alta tecnologia em confecções”: Aspectos históricos, econômicos e sócio-culturais. Caruaru. Ed Art Berg, 1996.

VICENT, Gerard e Antoine Prost (org). História da vida privada 5:da Primeira Guerra a nossos dias.In: *O Trabalho.Tradução*: Denise Bottmann.São Paulo: Companhia das Letras, 1992.(Pág 20-59)